

AÇÃO DIRETA

SEMÁRIO ANARQUISTA

PREÇO Cr\$ 0,50

Diretor: JOSÉ OITICICA

Quando a pátria te chama, tens de obedecer; mas, se chamas a pátria... podes morrer esperando.

ANO I

Rio de Janeiro — Sábado, 6 de julho de 1946

N.º 12

AO MAIOR DOS SUIÇOS

Faz 230 anos que nasceu Jean Jacques Rousseau. Andou pela terra como fugitivo, cheio de excitações e morreu amargurado.

A grandeza de um homem revela-se por sua ação sobre os povos e só assim poderá ele ser um dia chamado *pai*.

Um nacionalista francês acreditou que proferia sentença máxima contra Rousseau ao declarar no parlamento: «Rousseau não é só pai de Marat e Robespierre, mas também pai de assassinos da marca de Bonot e Garnier».

Os bons liberais ofenderam-se e revoltaram-se com isso, mas nós gritamos: «De acórdão! E' a pura verdade!»

Sim! Rousseau é o mentor de todas as sublevações

apaixonadas, de todas as máguas excessivas, de todas as revoltas íntimas, e é pai, ao mesmo tempo, da soberania popular.

Foi ele o precursor da revolução francesa, o pai dos Mirabeaus, dos girondinos, dos Robespierres e de Napoleão, dos socialistas e anarquistas, o anunciador de Kant e Fichte, Pestalozzi, Bakúnin e Lassalle; foi estímulo para Goethe, Jean Paul, Byron, Stirner e Nietzsche, só para indicar alguns dos grandes pensadores dos tempos precedentes aos nossos. Foi o propulsor dos direitos do homem e da emancipação da mulher. São descendentes seus os saint-simonistas, como o são George Sand, Claude Tillier, Sten-

dhal, Victor Hugo e mais Zola e Dostoiévsky.

Jorrou, ardentemente, suas idéias na civilização francesa do século XVIII. Todas essas fermentações, agitações, fervores, borbulhantes em sua alma, toda essa erupção idealista entrou, no momento oportuno, decisivo, na vida pública, na história francesa.

Quando, depois, a França emergiu daquele caos, era outra nação. É impossível imaginar que haja um francês ou qualquer homem civilizado, indene da influência de Jean Jacques Rousseau.

Gerações posteriores, principalmente em França, le-

vantaram-se contra Rousseau, lembrando-se de que um francês legítimo deveria descender de um Rabelais ou de um Voltaire. Irritava-os saberem se dominados por um estrangeiro.

Por outro lado, Lutero não conseguiu impor suas idéias aos franceses, nem o logrou Shakespeare; mas pôde o Rousseau, porque seu íntimo era apuradamente francês pela feição lógica dos seus argumentos, por sua acesa paixão às idéias de liberdade e pela justeza do sistema que propunha.

At aqueles que mais se defenderam contra ele foram os melhores continuadores da sua obra, talvez sem o saberem. Precisamente, o seu maior adversário, Pedro José

Proudhon, que nele viu o criador da autoridade democrática, o precursor de Robespierre e dos dogmáticos e, ainda mais, o procriador da afinação decadente e da decomposição social, era da sua família. Revolução e romanticismo, pureza e fermentação, violência e brandura, força e dissolução estavam, em Rousseau, coerentes como naqueles dois outros: Tolstoi e Bakúnin.

São, todos, representantes do seu tempo contra a injustiça Fortes, que vêm os povos em perigo de se afundarem no pântano e lhes estendem os braços, quais condutores, para lhes mostrar o caminho da liberdade.

GERMINAL

Porque devemos trabalhar

P. FERREIRA DA SILVA

Todos os atos do indivíduo têm necessariamente uma causa e um objetivo, ainda que inconsciente. Às vezes confunde-se a causa com o objetivo, e então o procedimento do homem desvia-se da sua verdadeira finalidade.

E' preciso considerar que, na sociedade atual, esse erro é quase sempre inevitável, devido às condições de educação e aos meios de vida. Assim, quando o trabalhador sente que a única forma de obter alimentos e vestuário é realizar a sua compra e verifica a necessidade de ter dinheiro para que os possuidores desses elementos essenciais consentam em ceder-lhos, passa a perseguir a posse do dinheiro. Como não dispõe de outra mercadoria para negociar honestamente, aluga o braço, dá o seu trabalho em troca do salário.

Este é o móvel aparente das relações individuais na atualidade. A inversão que daí resulta criou um erro flagrante na mentalidade da maioria dos trabalhadores que, por deficiência de educação, ficam encerrados na moral burguesa da troca e do lucro, da ambição e do interesse material.

O erro transforma-se em flagelo social quando se amplia e domina camadas inteiras da humanidade, na parte que tem a seu cargo as tarefas da produção. Diante da necessidade material de subsistir, o indivíduo não encara como devia a necessidade de produzir. Em vez de considerar isto essencial, luta ele pela conquista da moeda porque ela lhe garante o alimento. Mas não pensa que, generalizando-se tal conduta, a falta de produção tornaria inútil o dinheiro e com este ninguém poderia viver.

Eis porque é muito importante insistir na correção do erro. Numa palavra: devemos viver para trabalhar.

O operário empenha-se na conquista do salário, luta pela

melhoria da retribuição do seu trabalho; mas, nem sempre tem o cuidado de verificar se está cumprindo fielmente o seu dever de produzir. Porque segue inconscientemente o exemplo malféfico dos negociantes e traficantes de toda a espécie, a quem não falta dinheiro apesar de viverem uma vida vazia de trabalho ou esforço útil. Nessa luta pela conquista do salário só vê a finalidade de possuir meios monetários para adquirir os elementos vitais. A sua educação, viciada pelos processos comuns a burguesia e ao capital, está em absoluta discordância com os interesses de uma sociedade fraternal e igualitária.

Apesar da revolta que possa germinar no espírito dos explorados, é deletéria a reflexão de que não devem «matar-se trabalhando para os outros». Porque a verdade é que sempre trabalhamos para nós.

O proletariado faz bem lutando pela conquista de melhor situação econômica; urge contudo capacitar-se de que o salário vem como consequência do seu esforço, não sendo porém a mola natural e sim uma condição transitória. Pensar que o objetivo consiste unicamente em ganhar dinheiro e que o trabalho fica subordinado a esse objetivo, representa um absurdo social e um dos efeitos mais nocivos da mentalidade capitalista aplicada, por contágio, às camadas menos esclarecidas do povo trabalhador.

Acumulada em séculos de opressão, pesa sobre o trabalho a maldição do salário que rompe e amolda os homens à subserviência humilhante; maldição que transforma o sublime esforço de produzir em tarefa forçada, que se procura e odeia, que se detesta e suporta, que se ilude sem escrúpulo e evita sem arrependimento.

O trabalho não tem preço em moeda vil. Repare-se ainda que o salário,

Palavras do Núncio apostólico

Uma reportagem do *Correio da Manhã*, de 27 de junho põe, na boca do novo núncio apostólico, as seguintes mentidas palavras.

O roteiro da Igreja e do Pontífice Romano é um só e um mesmo: a verdade e a caridade. Ainda agora, na guerra, que relevância tomou a conduta do Santo Padre no socorro às vítimas de ambos os lados! Passavam a destruição e a morte nos tremendos engenhos de guerra e mais um pouco, a retaguarda, lá vinham a Igreja e o Pontífice, com o seu alívio para os nus, para os órfãos, as viúvas, as mães e espoas cujo lar se tinha desmoronado. Não olhava a quem dava, procurava os desventurados para suavizar-lhes a dor e diminuir todos os males.

O roteiro da Igreja é um só e o do Pontífice é um só! Bravos! Esse roteiro é a verdade e a caridade! Bravíssimo! A verdade! Por isso, ensinam os catecismos aprovados pelas autoridades eclesiásticas quanto absurdo há no *Genesis* sobre Adão e Eva, a criação do mundo, a passagem do Mar Vermelho, etc., etc., somando a isso os *verdadeísimos* dogmas da Santa Madre!!!

Caridade! O núncio é enviado de um governo fascista, de um Estado fascista, aquele mesmo que subscieveu com Mussolini o tratado de Latrão, que abençoou os exércitos italianos que trucidaram, a gás de mostarda, os católicos abissínios, e mais as outras forças italianas que mataram, a metra-

instituição genuinamente capitalista, é um elemento econômico decorrente do trabalho e não um objetivo a conquistar por meio do trabalho. Devemos considerar este como obrigação principal, em vez de cumprilo como simples meio de acesso ao salário.

Quando estiver suficientemente difundido este princípio, quando não houver mais a preocupação capitalista de ganhar e sim a consciência social de produzir, a igualdade estará mais próxima porque estarão todos mais aptos a constituir a sociedade nova sem escravos nem senhores.

lha e bombas, as populações católicas da Espanha, forças essas idas, com bênçãos fascistas do santo padre, a proteger Franco, aliado de Hitler e Mussolini. Essa mesma Igreja e esse mesmo *caridoso* pontífice, aliado da monarquia fascista da Itália, monarquia que tudo fez, agora mesmo, para salvar, é um dos maiores sustentáculos de Franco e jamais teve uma só palavra de reprovação às matanças desse sanguinário, seu muito amigo e filho espiritual.

Esse mesmo núncio apostólico representa o papado que, em 1910, encarnado em Pio X, instituiu os

vigilanti, isto é, emissários de confiança da cúria romana encarregados de vigiar secretamente o mundo católico e, sem dar satisfações às autoridades eclesiásticas do país, enviar diretamente a Roma suas sindicâncias. Tais *vigilantes*, em linguagem clara, dizem-se *espiões*. Um deles, monsenhor Montagnini, foi surpreendido pelo governo francês que mandou publicar as suas fichas de espionagem sórdida.

Quantos desses *vigilantes* terá o Brasil espiando até os próprios eminentíssimos senhores cardeais?!!!

Obediência!!!

E' o que pregam os totalitários de toda casta: legisladores, pedagogos, igrejas, patrões...

Pregam... e exigem!

Não negamos a necessidade fundamental da obediência; porém, temos de apurar o que é, o que deve ser. Os *chefes*, os mandões, os dominadores impõem obediência *cega*. Nós só reconhecemos a obediência *esclarecida e condicionada*.

Evidentemente, se estou doente e procuro um médico, devo obedecer rigorosamente às suas prescrições. Se tomo um professor de química, hei de estudar o que me determina e operar no laboratório, qual me indica. A técnica, nas ciências e nas artes, é um sequente código a que devemos de ater-nos programaticamente.

Mas... *condicionalmente!*

A primeira condição é a

de conhecida *competência* de quem manda, dispõe, prescreve. Claro é que não deverei obediência a quem me ordena insensatamente. São às dúzias os professores incompetentes e consideramos crime exigir dos alunos obediência a tais mentores.

A segunda condição é a *confiança* do dirigido no dirigente, confiança na sua capacidade e, sobretudo, em seu espírito de auxílio, na sua vontade cooperativa, na sua *moral* em suma.

A terceira condição é a liberdade do obedecedor. Se minha confiança no mestre, no médico, no instrutor, nos legisladores, foi decepcionada, se verifiquei a incompetência de um, a má fé e o inescrúpulo de outros, patentíssimo é que, longe de dever obediência, minha virtude está na desobediência, na rebeldia.

Só um louco se atiraria

(Continua na 4.ª pag.)

PROCCURE SEMANALMENTE NAS BANCAS DE JORNAL

DOCTRINA

Nesta página doutrinária inseriremos, traduzidos, artigos de militantes estrangeiros numa seleção cuidadosa. Pretendemos que os anarquistas brasileiros para os quais, na maioria, é inacessível a imprensa anarquista mundial, tenham conhecimento dos escritores anarquistas mais representativos do passado e do presente.

Retrato do bolchevismo russo

por PEDRO ARCHINOFF

O bolchevismo é um fenômeno histórico da vida russa e internacional. É a expressão de um tipo não somente social, mas também psicológico. Fez surgir um grupo numeroso de personagens tenazes, autoritárias, isentas de toda sentimentalidade social ou moral, prontos a servirem-se de todos os meios na luta pelo triunfo. Gerou concomitantemente, um guia adequadíssimo a esse grupo. Lênin não foi somente o guia de um partido; foi, cousa muito mais importante, o guia de um tipo determinado de homens. Foi nele que esse tipo humano achou sua mais completa e potente personificação. É por esse modelo que se faz a seleção e o agrupamento das forças combativas e ofensivas da democracia do mundo inteiro. A feição psicológica saliente do bolchevismo é a afirmação do seu querer pelo esmagamento violento de toda outra vontade, o absoluto aniquilamento de toda individualidade até volver-se objeto inanimado. Não custa reconhecer, em tais linhas, a velha espécie de senhores na sociedade humana. Com efeito, é exclusivamente com rasgos autoritários que se manifesta o bolchevismo na revolução russa. Falta-lhe até a sombra do que há de ser a feição essencial da verdadeira revolução social futura: o desejo ardente e desinteressado de trabalhar — de trabalhar sem trégua nem descanso, até o último sopro, esquecendo-se totalmente de si — pelo bem do povo. Todos

os esforços do bolchevismo, enormes e perseverantes por vezes, reduziram-se à criação de órgãos autoritários, que representam, para o povo, as ameaças e brutalidade dos antigos amos.

Detenhamo-nos uns instantes nas alterações promovidas pelo bolchevismo, consoante sua ideologia comunista, na vida dos operários e camponeses.

A nacionalização da indústria, das terras, das casas nas cidade, do comércio e do direito de voto para obreiros e camponeses, tais são as bases do comunismo bolchevista puro. Na realidade, o nacionalismo abocou numa estatização absoluta de todas as formas da vida do povo. Não somente a indústria, os meios de transporte, a instrução, os órgãos de abastecimento, etc., se tornaram propriedade do Estado, como ainda foi estatizado cada operário em particular, seu trabalho e sua energia, as organizações profissionais e cooperativas dos camponeses e operários. O

Estado é tudo; o operário nada. Ora, o Estado é representado por funcionários e, de fato, estes é que são tudo, a classe operária, nada.

Tendo a nacionalização da indústria arrancado os operários das mãos dos capitalistas particulares, pô-los nas garras ainda mais retortas de um só capitalista onipotente: o Estado. As relações entre os operários e esse

novo patrão são as mesmas dantes mantidas entre o trabalho e o capital. A única diferença está em que o novo amo comunista, o Estado, não somente explora os trabalhadores, mas ainda os castiga, pois em si reúne estas duas funções: a exploração e a correção. O trabalho salariado permanece intacto, assumindo apenas o caráter de um dever perante o Estado. As uniões profissionais perderam todos os seus direitos naturais e foram mudadas em órgãos de vigilância policial das massas laboriosas. O estabelecimento das tarifas, as taxas de salário, o direito de arrolar e despedir operários, a gestão geral das empresas, seu arranjo interno, etc., tudo isso é direito exclusivo do partido, de seus órgãos e agentes. Quanto ao papel das uniões profissionais nos domínios da produção, é meramente cerimonial: devem apor suas assinaturas nos decretos do partido, os quais não podem ser nem contestados nem mudados.

Claro está que, em tudo isso, apenas há substituição do capitalismo privado por um capitalismo de Estado. A nacionalização comunista da indústria representa novo tipo de relações na produção; por meio dele, concentra-se a escravidão, a sujeição econômica da classe operária num só punho: o Estado. No âmago, isso em nada melhora a situação da classe

operária. O trabalho obrigatório (para os operários, entenda-se) e sua militarização é da essência mesma da fábrica nacional.

Citemos um exemplo. No mês de agosto de 1918, os operários da manufatura antiga Prokhoroff, em Moscou, agitaram-se e ameaçaram revolta contra a insuficiência dos salários e o regime policial mantido na fábrica. Realizaram várias reuniões na própria fábrica, expulsaram o comitê da usina (que não era senão célula do partido) e tomaram por salário parte da produção. Os membros da administração central da união dos operários têxteis, tendo a massa de operários recusado tratar com eles, declararam: «O procedimento dos obreiros da manufatura de Prokhoroff empana o prestígio do poder soviético; toda ação ulterior desses operários difamaria as autoridades soviéticas aos olhos dos operários de outros estabelecimentos. Isso é inadmissível; por conseguinte, deve ser fechada a fábrica e demitidos os operários; deve criar-se uma comissão que saiba estabelecer na usina um regime firme; depois disso, cumpre recrutar novos quadros de operários».

Assim se fez. Não de perguntar que homens eram esses, essas três ou quatro pessoas que tão livremente decidiram da sorte de milhares de obreiros. Foram eles encarregados dessas funções

pela própria massa que os revestiu de poder tão vasto? Nada disso. Foi o partido quem os nomeou e daí vem todo o seu poder. O citado exemplo longe está de ser único. Poderiam citar-se milhares de outros, cada um dos quais reflete, como gota de água, a verdadeira situação da classe operária na indústria nacionalizada.

Que resta pois aos operários e suas organizações? Muito pouco: o direito de votar em tal ou qual deputado aos soviets inteiramente submissos ao partido.

NOTA — Esse trecho é tirado da obra *L'histoire du mouvement makhnoviste* (pags 111 a 113), escrita em 1921. Os vinte e cinco anos de regime comunista na Rússia agravou apenas o sombrio quadro acima descrito. Com Stalin mais dura se tornou ainda a disciplina e mais severa a pressão onipotente do partido escravizador. A Rússia é hoje uma vasta senzala, cuja dantesca tragédia mais se anegra com a remoção, para os eitos soviéticos, de alemães, polacos e populações inteiras revoltadas com a sinistra e odiosíssima tirania stalinina.

Vocês fazem guerra? Vocês tem medo do vizinho? Então suprimam os marcos das fronteiras; desse modo acabarão os vizinhos. Mas, vocês mesmos querem guerra e, por isso, ficam as pedras indicadoras das fronteiras.

NIETZSCHE

A DOCTRINA ANARQUISTA AO ALCANCE DE TODOS

JOSÉ OITICA

(Continuação do número 11)

53 — *Serviços inúteis* — A organização capitalista caracteriza-se especialmente por uma série de serviços improdutivos, perfeitamente dispensáveis. São, particularmente, os serviços de defesa da propriedade e regularização da concorrência.

É só examinar cada uma das sete feições em que consideramos o Estado e discriminar-lhe as instituições parasitárias, somando, no orçamento geral, a quantia fabulosa que nos custam. Os parlamentos ou congressos, por exemplo, são todos dispendiosíssimos, não somente com os subsídios a senadores e deputados, mas ainda com a turma enorme de funcionários apensos: diretores de secretaria, chefes de seção, amanuenses, contínuos, serventes, arquivistas, redatores de debates, estenógrafos, etc. Toda essa gente ocupa-se de fabricar leis e discutir política.

O aparelhamento judiciário também consome quota larga nas despesas. Juntam-se ao Supremo Tribunal, os tribunais federais, os tribunais estaduais, os juizes municipais, com todo o funcionalismo correspondente e mais

tabeliães, escrivães, escreventes, meirinhos e empregados de cartórios, pretorias, registros, sem falar nos advogados, solicitadores, rúbulas e seus empregados.

Contemos, depois, por todo o nosso vastíssimo país, os coletores de rendas federais e estaduais com seus empregados, os fiscais de impostos, o pessoal numeroso das alfândegas: conferentes, despachantes, escriturários, guardas e mais vigilantes em rebocadores, lanchas e escaleres.

A defesa da propriedade exige sobretudo boa polícia. Cada Estado do Brasil se tornou verdadeiro Estado, com polícia militar e civil própria. A militar vai-se constituindo em pequenos exércitos com missões estrangeiras, armas aperfeiçoadas, material de guerra e presídios cada vez mais caros.

A polícia civil é uma fonte de esbanjamentos com seu serviço secreto. Nesse serviço, cuja verba é alviçada pelos chefes de polícia, tem-se locupletado muitas ilustres personagens. Mantém o infame corpo de espionagem interna empregando nele copioso pessoal válido, roubado às indústrias. Demais, toda a gente sabe que miserável corja de larapios,

vigaristas, extorquidores se acobertam com o título de serventuários da polícia.

Ajunte-se a casa da Moeda, o Tesouro Nacional com o Tribunal de Contas, os bancos oficiais e particulares com suas filiais por toda a parte.

Fora dos serviços inúteis propriamente do Estado, outro há que absorve milhões de braços parasitas: o comércio. A função do comércio é aproximar o produtor do consumidor. Veremos que, em regime anarquista, se faz isso diretamente, pelo serviço de distribuição. Em regime capitalista, faz-se por uma série de intermediários que vivem exclusivamente disso. O produto, saído da fazenda usina ou fábrica, passa para as mãos de um exportador que o revende a um importador, cobrando este um ágio nunca inferior a 20%. Esse importador revende por atacado aos retalhistas, cobrando outro ágio de 20%. O retalhista revende-o, por sua vez ao consumidor com o mesmo ágio. De modo que, pelo menos, chega o produto ao consumidor agravado de 80% do seu valor exato, sem falar em fretes e o mais.

Nesse o mais, incluiremos uma

das instituições capitalistas mais dispendiosas, verdadeiro sorvedouro de energias colossais: o *reclamo*. Na desenfreada concorrência comercial, cada produtor, industrial, comerciante, precisa berrar voçiferar, mentir, meter pelos olhos do consumidor o seu produto, enumerar-lhe as virtudes e qualidades, apresentá-lo com mil atrativos e requintes. Tudo isso faz-se pelo *condicionamento*, pela *apresentação*, pelo *anúncio*. Inventam-se latas e envólucros lindos e elegantes, frascos finíssimos e complicados, pagam-se pintores e desenhistas, ocupam-se páginas e páginas de jornais, revistas, capas de livros, cartazes nos bondes, nos trens, nos andaimas, até nos mictórios. Há anúncios luminosos, aeroplanos, um inferno de pregões esalhados profundamente e custesíssimos. Há agências e companhias exclusivamente encarregadas de anunciar; mas, no fim de tudo, quem paga as despesas é sempre o consumidor, o proletário, o único produtor real das riquezas.

54 — *Serviços destrutivos* — São os serviços de defesa externa. A propriedade particular e a concorrência geram ambições internacionais, rivalidades comerciais,

necessidades imperialistas de colônias e mercados de escoamento. Essa luta de interesses pecuniários suscita as guerras, para as quais devem sempre achar-se preparadas as nações, minto, os os grupos capitalistas das diversas nações. Todo o serviço, pois, de marinhas de guerra, de exércitos permanentes, serviço puramente feito em vista de futuras tremendas destruições é um desperdiçador incomparável de energias.

As energias consumidas na guerra mundial de 1914, se aplicadas a fins úteis chegariam para dar conforto, por muitas décadas, a todas as famílias de trabalhadores europeus, a criar grandes usinas, a centuplicar a produção em toda a terra. Entretanto, morreram mais de 12 milhões de homens válidos e a soma de dinheiro gasta é fantástica. Calculou-se que só a França esbanjou, em notas de mil francos, uma coluna de trinta quilômetros de altura. A indústria alemã, admiravelmente bem organizada, mormente na Silésia, foi quase destruída e a insignificante porção intacta vai perdendo, de dia em dia, sua eficiência antiga.

(Continua)

AÇÃO ANÁRQUICA

Traduzimos de Freedom (18-5-946) a seguinte importante notícia que revela a posição da colossal associação americana de trabalhadores (Industrial Workers of the World, Trabalhadores industriais do mundo), cuja atuação tanto pesa em Norteamérica.

Em março (18 a 21), em Chicago, reabriram os Industrial Workers of the World sua 25ª convenção. Reuniram-se numa época em que a classe obreira arrostava os mais sérios problemas e estão cercados de insidiosos perigos em suas fileiras, de tal sorte, que o modo de compreender ela os problemas e os encarar é fator determinante na história dos próximos anos. Nem todas as resoluções da convenção dos I. W. W. foram publicadas, mas informações prévias indicam terem-se discutido os importantes problemas atuais e adotado radical ação para com eles.

O Industrial Worker de 30.3.46 lembra que, na primeira convenção, em 1905, a I. W. W. votou uma resolução condenando o governo czarista russo, empenhado nessa época em medidas repressivas contra os revolucionários da insurreição de 1905, mandando-os em gigantescas levadas para proverem o trabalho servil na Sibéria. «No ano 1946, escreve o Industrial Worker, quarenta e um anos após a primeira resolução, votamos outra idêntica assestada contra uma ditadura mais sórdida, mais absoluta que a instituída pelos tzares. Para cada trabalhador escravo, na Sibéria em 1905, há pelo menos dez agora». A informação prossegue relatando a resolução sobre a luta que a I. W. W. em comum com os anarquistas, sempre manteve contra os métodos políticos nas lutas de classes, particularmente contra os sequazes de Daniel de León, cujas ideias de chefia foram aceitas e tornadas mais expressas por Lênin. «Hoje, a ideia vem apresentada por homens que são realmente a quinta coluna do fascismo. Hoje os propagandistas da ideia de Leon-Lênin são agentes de um governo despótico. Hoje, os homens que propõem tal teoria são reflexos de um governo que tem assassinado mais socialistas, mais genuínos comunistas, do que todos os mais governos juntos».

A resolução (nº. 15 da Convenção) sobre o Partido Comunista, por demais longa, não a podemos transcrever. Despida dos parágrafos explanatórios, eis suas principais asserções:

Considerando que os fins da I. W. W. e os do comunistas são inalteravelmente opostos, pois a I. W. W. visa ao

A Convenção da I. W. W. americana

alargamento da democracia industrial ao passo que os comunistas anelam o estabelecimento de uma ditadura de partido sobre a classe laboriosa;

Considerando que os comunistas representam os interesses não do trabalho, mas do regime totalitário da Rússia e; Considerando que, por tais motivos,

os comunistas tentaram, durante 25 anos, liquidar a I. W. W. Resolve:

1º temos o Partido Comunista e seus borrachos como grande ameaça à classe trabalhadora, e;

2º achamos que os interesses da paz mundial, podem ser mais bem servidas com os movimentos trabalhistas que

refletem claramente os interesses do trabalho e não os interesses de um Estado político».

Resolução antiguerreira — Uma resolução para nós muito bem-vinda é a nº 16 «Sobre as guerras capitalistas». Embora os Industrial Worker conheçam bem a hipocrisia patriótica dos políticos, não nos lembramos de que jamais tenham tomado posição clara contra a guerra. A presente resolução, entretanto, mostra que as fileiras dos I. W. W. assumem, de fato, a mesma posição que os anarquistas têm, faz anos, mantido sempre, a despeito da defecção da vasta maioria

dos movimentos socialistas do mundo. Eis a resolução.

Resolve que assentamos ser contrários a todas as guerras passadas, presentes ou futuras; guerras capitalistas, guerras imperialistas, guerras diferentes. Toda sorte de guerras, exceto a guerra de classes; que usaremos de todos os meios, incluindo a greve geral, para impedir a irrupção de qualquer nova guerra».

Essa declaração é de suma importância. Não é de esperar que os trabalhadores militantes de quaisquer outras regiões de fala inglesa registem a mesma atitude antimilitarista.

Outra resolução refere-se à oposição da I. W. W. à tendência crescente, nas uniões reformistas, de sair o controle das mãos dos trabalhadores para concentrar-se, cada vez mais, nas mãos dos chefes que trabalham com os tarimbeiros, de mãos nas luvas.

Influência das ideias anarquistas. Um escritor pseudônimo do Industrial Worker atacou recentemente os anarquistas, ou melhor, andou tregeiteando contra um anarquismo de fantasia em que meteu incôgnitos defensores como Jefferson e Henry Ford!!! Não levamos a sério suas carantonhas e supomos estar justificados. Porque, se as resoluções supracitadas são da linha geral típica adotada pela Convenção de Chicago, evidente é que os anarquistas ainda influem nas ideias teóricas dos I. W. W. tal qual o fizeram no tempo em que os mais dos trabalhadores militantes dos U. S. A. respeitavam os métodos políticos de luta advogados pelos sequazes de De Leon.

Na gramática dos políticos de todo o mundo, já dizia o padre Vieira, a conjugação mais corrente é a do verbo roubar.

É até um verbo regular: roubo, roubava, roubei...

O caminho da anarquia

Risonhos, Truman e Anderson, secretário da Agricultura, ouvira do ex-presidente dos Estados Unidos, Hoover, também a sorrir isto: *centenas de milhões morrerão de fome, se não os socorrermos a tempo.*

Néro diverte-se com o incêndio de Roma!

As razões para tal calamidade?! Falem os técnicos:

Penk — O mundo pode produzir alimentos para oito mil milhões de habitantes.

Kuesknski — Para onze mil milhões pelos meus estudos.

Eart — Para cinco mil milhões e meio, eis a minha opinião.

Não levaram em conta os recursos mecânicos e técnicos do presente!

Fome! Porque há fome, então, se assim é?!

Porque as fontes de produção, campos e minas, solo e subsolo, e os instrumentos de produção, ferramentas e máquinas, estão nas mãos avarentas de uma meia dúzia de egoístas que fazem dos outros homens máquinas aperfeiçoadíssimas, para seu serviço de invenções, planos, administração e produção.

— Como acabar com isso?

— Tornando comuns a todos os homens as citadas fontes e instrumentos e fazendo dos homens, homens, e não máquinas.

—Mas como? Leia o título deste semanário.

S. P.

(Calçado em artigo de *Tierra y Libertad*)

SUA EXCIA.

O MARECHALÍSSIMO (1)

A Reuters, indiscretamente, publicou um trecho de artigo inserto no, *News of World*, jornal americano sobre o genial marechalíssimo de todas as Rússias, Stalin. Como nos interessam muito as informações sobre tão alta personalidade, pedimos vênia para transcreverem um tópico.

«Até agora os médicos do ditador consideravam que suas condições eram muito boas, para um homem de 65 anos, cansado pela guerra, com o coração um tanto dilatado devido ao gosto pelos vinhos fortes e agudantes georgianas e dos alimentos muito temperados preparados por seu cozinheiro georgiano de confiança, pelo uso excessivo de cachimbo e falta de exercícios, mas nada mais que isso. Esses russos — que têm um senso de humor secreto — estão também indagando se é também a conselho dos médicos que Stalin poucas vezes sai da fortaleza do Kremlin, a não ser para se dirigir a sua casa de campo fortificada, num carro blindado com janelas de vidro de cerca de uma polegada e meia de espessura e poderosa escolta em outros carros. Também indagam esses russos se foi por isso que esse generalíssimo, durante toda a guerra, jamais inspecionou seu Exército Vermelho, a não ser de uma distância bem segura, no túmulo de Lenine, na Praça Vermelha. Se é por isso que foi somente em três ocasiões, nos últimos quinze anos, que andou uma pequena distancia nas ruas de Moscou (de cada vez para um entéro, inclusive de sua terceira mulher), fazendo a polícia ocupar todas as casas e todas as janelas das ruas. Se é por isso que nas três únicas viagens de estrada de ferro que fez em dez anos, todas as casas, ao longo de toda extensão da linha férrea, foram revistadas e grande número delas evacuadas. E, finalmente, se foi a conselho médico que ele aconselhou o falecido presidente Roo-

sevelt a permanecer na embaixada russa fortificada, durante a conferência de Teerã, em lugar de permanecer na legação americana».

Várias cousas nos espantam: 1. gostar o chefe da mandureba a tal ponto, que lhe avaria o coração; 2. ter o chefe do proletariado ditador um cozinheiro seu, de confiança, tal qual Napoleão I ou o czar Nicolau, cozinheiro bem pago, é de crer, porém, não tanto, quanto ele, o chefe!; 3. ter o chefe proletário uma casa de campo como qualquer imperador, príncipe ou duque, ou mesmo qualquer apetrechado grã-fina, e, por cima, fortificada, contra quem? contra as potências estrangeiras?

E é só. As demais observações faça-as o leitor por si mesmo!

Procurando responder às perguntas do articulista, ousamos ponderar o seguinte:

Na Rússia, há uma ditadura do proletariado; logo, só há, de fato, uma cousa temível: o ditador, isto é, o proletariado; logo, se Stalin se resguarda tanto, é que teme o ditador, teme o proletariado.

Teremos acertado?

(1) Reproduzido por lamentável descuido de paginação.

SALADA RUSSA

Não é nenhuma invenção dos reacionários. E, declaração oficial do Ministério de Controle do Estado Soviético. Diz a declaração que seis funcionários soviéticos prevaricaram. Processados, foram punidos com multas rijas e sérias, advertências.

Houve, mais, depuração na indústria soviética. Até no Conselho de Ministros houve demissões. O ministro Vanikov foi afastado da agricultura por ter havido graves faltas inclusive um avançozinho nos cobres ministeriais.

Formidável a Rússia! Aqui no Brasil, o Vanikov seria eleito presidente ou senador. Mas também, o Brasil é o país mais atrasado do mundo, tirante Portugal. No país mais adiantado do mundo, não deveria haver essa cousa comum no Brasil, mas incrível em nações de vanguarda; um ministro ladrão!

Mas, dirão, o essencial é que foi punido. Isso não! Isso acontecerá na Inglaterra, nos Estados Unidos, na Suécia e alhures,

sendo até possível, por bambúrio, no Brasil!

Mas na Rússia! na Rússia! na Rússia!

Na mesma Rússia dos Sovietes segundo o rádio de Moscou (ver *Correio da Manhã* de 27 de junho), duas repúblicas autônomas foram liquidadas, isto é, seus habitantes, cerca de 400.000, foram transferidos para regiões distantes da terra natal «porque não procuraram combater a traição durante a guerra»!

Traição na Rússia? Durante a guerra!!!

O de que mais enchiam, os comunistas do Brasil e de toda a parte, os melindrosos papos era precisamente a unidade assombrosa do povo russo na luta contra Hitler. Agora, repúblicas soviéticas inteiras são punidas precisamente por crime de defecção, por traidores. E não apenas cidadãos dessas repúblicas, senão as repúblicas inteiras! Que bela unidade! Essa unidade patriótica

(Conclui na página 4)

Administração

1 — *Ação Direta*, semanário anarquista, vive exclusivamente das contribuições assumidas voluntariamente por seus simpatizantes. A Administração pede encarecidamente aos contribuintes já existentes, como aos novos, que fixem sua quota mensal e procurem nem variá-la, nem deixar de enviá-la até o dia 5 de cada mês. A não observância dessas duas condições pode perturbar o andamento de *Ação Direta*.

Tão pronto o número de contribuições ultrapasse as necessidades de *Ação Direta*, empreenderemos a publicação de folhetos e, quase certo, um suplemento cultural (ciência, literatura, música, etc.)

2 — Toda correspondência deve ser enviada para a rua Buenos Aires, 147-A-2.º — Rio de Janeiro.

Reforço para Ação Direta

COMPANHEIRO! Você leu AÇÃO DIRETA? Comprou-a sem dúvida, mas saiba que um exemplar de AÇÃO DIRETA, a 50 centavos, dá DEFICIT, porque nos custa 80. Com 40 por cento ao distribuidor, baixa o preço a 30 centavos. De modo que o DEFICIT, em cada exemplar, é de 50 centavos.

Se você deseja cooperar na manutenção de AÇÃO DIRETA, escreva-nos para Rua Buenos Aires, 147, A-2.º andar — Rio, marcando uma contribuição mensal. Nossas contribuições vão de 10 a 200 cruzeiros. A hora é de sacrifícios e o companheiro não deve poupar nenhum para manter e desenvolver nosso periódico.

A causa merece e o exige!

DOCUMENTARIO

movimento e a infame traição dos bolchevistas.

Depoimento de Vólin sobre o movimento maknovista

No prefácio ao livro de Pedro Archinoff, nosso companheiro Vólin, que participou do movimento, assim se exprimiu:

«O que, sobretudo, parece importante e digno da maior atenção na presente obra é isto:

1. O autor demonstra, com dados incontestáveis a total fa-

OBEDIENCIA!!!

Continuação da 1.ª pag.

num precipício como na anedota referida de um soldado do Kaiser, desejoso este de mostrar a visitantes estrangeiros a disciplina do exército alemão.

A mesma anedota conta que, pretendendo o marechal Hermes, recém-vindo da Alemanha, repetir, perante uma visita argentina igual façanha, ao dar ordem a um soldado nordestino de se atirar da janela à rua, este, olhando-o de esguelha, retrucou:

— Sê é besta, marechá!

Esses dois procedimentos, o do soldado alemão disciplinadíssimo e o do brasileiro, disciplinado a seu modo, representam a disparidade dos dois conceitos.

Obediência, entende-se, dependente da minha razão, da minha vontade e sempre respeitosa da minha liberdade. Obedecerei desde que, dessa obediência, vejo resultarem vantagens para a comunidade. Se, porém, decorre de uma imposição, para proveito de meia dúzia ou para satisfazer as ambições de uma classe do minante, seria minha obediência, não somente estúpida, senão criminosa.

E' o que sucede na sociedade atual, mormente com a recente onda fascista. Obedecer cegamente aos chefes dos partidos, ainda quando os chefes levam os chefiados ao destroço mais completo.

Olhem para os colégios do Brasil! Os pobres estudantes *hão de obedecer*. Dão-lhe professores quaisquer e eles têm de sujeitar-se a ouvi-los e aturá-los. Não podem escolher outro professor!

Quando chegará o dia em que terá o estudante plena liberdade de não suportar professores negativos?

Quando chegará o dia de poderem recusar-se os cidadãos à ordem de matar?

Quando chegará o dia de recusar obediência a quanto tiranete encharca a sociedade em nome da *lei*, do *regulamento*, da *disciplina*?

cidade de opinião dos que não viam, nem vêm até hoje, na makhnóvtchina, senão mero episódio guerreiro de gênero especial, uma ação temerária de franco-atiradores, de guerrilheiros, com todos os defeitos, toda a esterilidade, toda impotência criadora da soldadesca, o militarismo. (Foi precisamente sobre tal versão errônea que vários dos nossos fundamentavam seu parecer negativo quanto ao movimento maknovista). Com a maior precisão, munido de fatos palpáveis, desenrola o autor aos nossos olhos o quadro de um movimento livre, conquanto transitório, penetrado de profundo ideal, *essencialmente criador e organizador das vastas massas trabalhadoras*, que só constituíam força militar, estreitamente afim a elas, com a mira de defender sua revolução e liberdade. Destrói-se, desse modo, um preconceito espalhadíssimo sobre a makhnóvtchina.

Note-se que, se o autor algo censura *seriamente à makhnóvtchina*, é precisamente *certa negligência do lado militar e estratégico*. No capítulo sobre os erros dos maknovistas, afirma ele que, se houvessem sabido organizar a tempo uma guarda segura das fronteiras, o mais afastada possível da região, toda a revolução na Ucrânia a princípio e a revolução geral, depois, teria podido desenrolar-se de outra maneira. Se tem razão o autor, poder-se ia comparar, nesse ponto, a sorte da makhnóvtchina, aos demais movimentos revolucionários do passado, em que os erros militares tiveram também fatal consequência. Em todo caso, chamamos a atenção especial dos leitores para esse aspecto, matéria para reflexões utilíssimas.

2. *Independência verdadeira e completa do movimento* Essa independência, consciente e energeticamente salvaguardada de toda força interna, está bem esclarecida.

3. Estabelece-se de modo fixo e preciso a pressão do bolchevismo e do poder soviético perante a makhnóvtchina. Dá-se fulminante golpe em toda as invenções, em todas as *justificações* dos bolcheviques. Todas as suas maquinacões criminosas, todas as suas mentiras, todo o seu crime contra-revolucionário são completamente desnudados. Conviria pôr, como epígrafe a essa parte do livro, as palavras proferidas certa vez pelo chefe da *Secção de operações secretas da Netcheka*, Samsonoff (quando, detido eu, fui chamado à presença do juiz de instrução para ser interrogado). Observando-lhe eu que tinha por pérfido, o procedimento bolchevista para com Makhnó, replicou Samsonoff vivamente: «Chama a isso perfídia? Pois bem! para nós prova isso apenas que somos habilíssimos homens de Estado; enquanto precisávamos de Makhnó tiramos partido dele; não nos servindo ele mais, tratamos de alijá-lo».

O esperanto a serviço do proletariado

O que é a Sennacieca Asocio Tutmonda (S. A. T.)

A fundação da Sennacieca Asocio Tutmonda (Associação Internacional dos Esperantistas Cosmopolitas), mais conhecida mundialmente pela abreviatura de S. A. T., data de 1921. Tal acontecimento assinala um novo ponto de vista, da maior importância, pelo seu significado e objetivos, no movimento esperantista mundial, ponto de vista que se encontra claramente expresso na brochura «For la neutralismo!» (Abaixo a neutralidade!), de que se esgotaram já três edições. Nessa obra, o autor, o erudito professor francês Eugênio Lanti, lançou um apelo a todos os esperantistas adversários do capitalismo, socialistas, comunistas, anarquistas e sindicalistas, para que se unissem em uma única organização, afim de praticarem o Esperanto e conseguirem que os seus respetivos partidos e organizações o adotassem como idioma comum da humanidade. A sugestão de Lanti foi ouvida e a Sennacieca Asocio Tutmonda constituiu-se e vem prestando os mais destacados serviços ao movimento operário internacional, permitindo a realização prática daquele apelo

4. Muitos revolucionários sinceros consideram o anarquismo fantasia idealista e justificam o bolchevismo como única realidade possível, inevitável, indispensável no desenvolvimento da revolução social mundial, uma de suas etapas. Aparecem assim desimportantes os lados sombrios do bolchevismo e justificam-se historicamente.

A presente obra dá mortal golpe nessa concepção. Firma dois pontos cardiais: a) as aspirações anarquistas surgiram na revolução russa — sempre que esta se mostrou verdadeira revolução das massas trabalhadoras, feita por si mesmas, não como «utopia nociva de sonhadores fantásticos», senão como movimento revolucionário dessas massas, perfeitamente concreto e real; b) como tal foi ele, ciente, cruel e covardemente, esmagado pelo bolchevismo.

Os fatos expostos neste livro demonstram claramente que a realidade do bolchevismo é, no âmago, a mesma do tzarismo. Esses fatos confirmam claramente, de modo concreto, e opõem à dita realidade, a verdadeira e profunda realidade do anarquismo como única ideologia, verdadeiramente revolucionária, do trabalho. Esses fatos subtraem ao bolchevismo a mais leve sombra de qualquer justificação histórica».

Adiante, Vólin escreve (e todo anarquista deveria compreender o valor do seu conselho): «À hora presente, todo livro que esclarece os caminhos das lutas revolucionárias, deveria ser livro favorito em cada casa».

Esse conselho servirá de justificativa ao empenho com que Ação Direta procura tornar conhecida qual merece a estúpida realização de Makhnó e seus companheiros.

dos fundadores da 1.ª Associação Internacional dos Trabalhadores, que, durante muito tempo foi irrealizável por carência de uma língua mundial: «Proletários de todo o mundo, uni-vos».

Dentro dos quadros da S.A.T. militam as frações socialista, anarquista, comunista, sindicalista, anacionalista e outras, cada uma delas com seus programas político-sociais, enquanto que a associação não apresenta nem defende qualquer ideologia definida. A S. A. T. realiza, deste modo, a verdadeira, a autêntica «frente única», irrealizável até hoje por qualquer outra organização.

E' dos estatutos da S. A. T. o trecho seguinte, que bem expressa os objetivos e o espírito da referida associação: «A.S.A.T. visa a conseguir que os seus associados sejam compreensivos e tolerantes relativamente às diversas escolas ou sistemas políticos e filosóficos sobre que se apoiam os diversos partidos e organizações operárias que aceitam a luta de classes. Visa ainda, por meio da comparação de fatos e idéias, discussão e estudos livres, a evitar nos seus membros a dogmatização dos ensinamentos que recebem nos seus meios específicos...»

Apesar dos entrecosques inevitáveis das diversas correntes e tendências que se debatem no seu seio, a S. A. T. venceu e é hoje a mais poderosa organização mundial de esperantistas. Até agora, a S. A. T., além do semanário «Sennacieca Asocio Tutmonda» (Revista Cosmopolita), da revista mensal «Sennacieca Revuo» (Revista Cosmopolita) e da revista trimestral «Sennacieca Pedagogia Revuo»

(Revista Pedagógica Cosmopolita), adotou mais de cem obras, originais e traduções dos mais conhecidos autores revolucionários, como, entre outros, Voltaire, Marx, Engels, Lassalle, Jaurès, Kropótkin, Bacúnin, Romain Rolland, Sebastião Faure, Luiza Michel, Tolstói, Elia Eremburg, Upton Sinclair, Jack London etc.

Presentemente, uma comissão constituída por alguns dos mais autorizados esperantistas mundiais, membros da S. A. T., trabalha na 3.ª edição de «Plena Vortaro» (Dicionário Completo de Esperanto), obra da editorial da S. A. T., que aparecerá brevemente ampliada e com numerosas ilustrações.

A adesão à S. A. T., e a assinatura das suas publicações custa, por ano, 50,00 cruzeiros, que podem ser pagos, quer diretamente ao administrador daquela associação (L. Banner, av. Gambetta, 67 — Paris 20), quer por intermédio dos seus representantes no Brasil: prof. Roberto das Neves, no Esperanto-Klubo, rua Araújo Porto Alegre, 36, Rio de Janeiro; e dr. Demacq Rosas, rua Senador Feijó, 29, S. Paulo, que prestarão todos os esclarecimentos necessários.

R. das Neves

De S. A. T. — Rondo do Rio de Janeiro recebemos, para serem vendidos a favor deste semanário ao preço de 5.00 cada, 25 exemplares de uma interessante «plaque» com o hino dos trabalhadores, *A Internacional*, com música para piano e letra em português e esperanto. Agradecemos e aceitamos pedidos, desde já.

SALADA RUSSA

(Continuação da 3.ª pag.)

foi tão grande que, ao romper a guerra, tiveram os mandões de lá, cousa alardeada por eles, de fuzilar cerca de 3.600 oficiais suspeitos de nazistas. Isso, note-se, nunca foi necessário fazer na Inglaterra ou nos Estados Unidos, mau grado a guerra e a feroz dominação capitalista.

Porém, a voz de Moscou diz mais. Provada a traição, o governo «transferiu seus habitantes para outras regiões da Rússia onde lhes foi cedido o terreno e fornecido o necessário material para instalações de seis novos lares».

Ora, isso dá muito que pensar. Que diabo de castigo é esse? Castigar populações inteiras, tirando-as de um terreno e colocando em outro! Que trapalhada inédita! Mas é da essência comunista supor que os demais homens são idiotas e que eles, os supersábios únicos enganam a todos com duas potoquinhas amarelas.

Sobemos muito bem o que fazem os russos com as populações vencidas: polacos, alemães e outros. Transportam essas vítimas para os confins da Rússia afim

de trabalharem como cativos. E' cousa sabida, ressabida e não contestada. Claro é que o mesmo destino hão de haver tido as populações das repúblicas autônomas liquidadas severamente.

Vão ser escravos públicos, escravos do Estado, escravos do ultrazarismo de Stalin.

Foi necessário chegarmos ao século XX para ver ressuscitada aquela ignóbil classe dos *ilotas* da Grécia antiga. O país que renova tal infâmia, tão monstruosa condição social, diz-se *Pátria dos trabalhadores!* Sim, mas deveria acrescentar... *escravizados!*

Prestes afirmou, em pleno parlamento, que o Brasil é o país mais atrasado do mundo, tirante Portugal!

Naturalmente, para o genial Prestes, deve ser a Rússia, a santa Rússia do bemaventurado Stalin, o país mais adiantado do mundo!

Ora, o Brasil mandou, há pouco, 120.000 sacas de feijão, a pedido da UNRRA, para socorrer as populações russas famintas!

Entendam este paradoxo: o país mais atrasado do mundo enviando comida para matar a fome ao país mais adiantado do mundo!

Com os russos e a Rússia é assim.